

# EDITORIAL

Neste número que marca o início de seu décimo segundo ano de existência, os **CASA: Cadernos de Semiótica Aplicada** passam por mudanças editoriais e ganham nova identidade visual. Nada muda na orientação editorial e na missão da revista, que segue firme em seu propósito de ser um fórum permanente de divulgação e discussão das teorias do discurso e do texto, com ênfase nas teorias de inspiração semiótica.

As mudanças editoriais a que nos referimos dizem respeito às diretrizes para publicação, que foram reformuladas, e ao fato de os CASA, a partir da chamada para publicação corrente, referente ao n. 2 deste volume, passarem a aceitar apenas a submissão de artigos de autores que sejam doutores ou de artigos escritos em parceria com autor doutor. Essa medida, tomada após longa reflexão, não ignora a importância dos autores não doutores para a criação e a consolidação da revista, antes marca uma nova fase da publicação, em que buscamos não só a qualidade que a avaliação pelos pares nos garante, mas a contribuição específica de pesquisadores que concluíram sua formação e que conquistaram autonomia acadêmica e institucional, no contexto de universidades, centros de pesquisa e agências de fomento, para produzir conhecimento por meio da realização de projetos científicos e da formação de recursos humanos.

A identidade visual dos CASA, concebida originalmente por Maria Tereza de França Roland, a quem somos gratos, conta agora com projeto gráfico de Diego Meneghetti, que assina a capa e o projeto gráfico da revista e da plataforma SEER. Além disso, a revista ganha uma versão integral em formato PDF que pode ser baixada e lida *off-line* em *smartpho-*

nes, *tablets* e computadores. A concepção do logotipo e a da nova identidade visual de uma revista científica é sempre um desafio, especialmente quando se trata de uma revista de semiótica. Qual identidade? Como tematizar a abstração de uma metalinguagem? Que figuratividade escolher? Que arranjos (semi)simbólicos? Que categorias plásticas articular? Árdua tarefa para o semioticista é assumir a perspectiva de produtor de sentido – e tirar todas as consequências do caráter gerativo da teoria –, acostumado que está com a perspectiva da leitura e da interpretação. Terminamos por eleger a cor azul, em referência à “atração das profundezas” teóricas, de que nos falam Greimas e Courtés no prefácio ao segundo volume do *Dicionário*, e por escolher, especialmente nas capas, a temática do sistema de dependências, com suas correspondências, hierarquias, níveis, limiares, conteúdos e continentes, eixos, concentrações, articulações, bordas e profundidade, no limite da abstração, inspirando-se em uma “figuralidade diagramática” (se nos é permitida essa aparente redundância). Alguns verão um quadrado semiótico (ou algo a meio caminho de um grupo de Klein) no novo logotipo dos CASA. Não desmentimos, mas também não corroboramos tais aproximações, ainda que lisonjeiras.

Entre as mudanças ocorridas, é também preciso registrar que, a partir deste número, a revista não mais contará com a assistência preciosa de Cristiane Passafaro Guzzi, a Cris, que secretariou a revista durante seis anos e três editores, e que se afasta de suas atividades nos CASA para cuidar de outros compromissos acadêmicos. Em seu lugar, contaremos com a assistência editorial de Cintia Alves da Silva. A Comissão Editorial dos CASA recebeu também um novo membro, Matheus Nogueira Schwartzmann, professor do Departamento de Linguística da Faculdade de Ciências e Letras da Unesp,

câmpus de Assis. A semiótica vem ampliando seu quadro de pesquisadores na Unesp e os CASA recebem com renovada esperança os colegas que se engajam em nossa área e em nossa universidade.

Encerrada a crônica, a propaganda e os proclamas das atualidades dos CASA (o editorial, esse gênero ambíguo e plástico!), passamos à apresentação do número 1 deste volume 12, que, do ponto de vista temático, assemelha-se aos números recentes no que diz respeito aos estudos de caráter epistemológico, televisivo, literário, fílmico e jornalístico, temas-chave da semiótica contemporânea, mas que também apresenta reflexões sobre objetos pouco conhecidos e uma entrevista de caráter historiográfico, como veremos a seguir.

A semiótica, na diversidade de abordagens e objetos de estudo que lhe é própria, não cessa de se interrogar e de se reinventar, como atestam os artigos “Sémiotique de l’action: textualisation et notation”, de Maria Giulia Dondero, e “Aspectos semióticos peircianos da versão da física quântica com predominância da Escola de Copenhague”, de Lino Machado. No trabalho de Dondero, encontramos uma reflexão sobre o estudo das práticas semióticas que, tomando como *córpus* a colaboração presencial e a distância no desenvolvimento de projetos arquitetônicos, defende a necessidade de uma abordagem sobre as práticas que não se dê puramente pela via textual (o texto acabado), mas que procure reconstruir o sentido da prática por meio da textualização e de seu nível notacional. Já Machado procura descrever semioticamente, à luz das ideias de Charles Sanders Peirce, a Física ou Mecânica Quântica da chamada Escola de Copenhague, cujos princípios gerais assentam-se sobre uma noção de “real” que dialoga com o pragmatismo peirciano. Enquanto Dondero busca descortinar novas maneiras de tratar o sentido “prático”, Machado

propõe questionar e, de certo modo, resolver alguns impasses filosóficos criados pelo advento da Física Quântica.

Em “O suspense nas frisadas de *Avenida Brasil*”, Loredana Limoli e Lucia Teixeira estudam o gênero ficcional televisivo nacional mais consumido pelos brasileiros, a telenovela, elegendo como objeto particular de análise uma telenovela que conheceu grande sucesso no Brasil e no exterior e que se distinguiu pela forma como gerenciou a atenção dos telespectadores por meio do suspense. Na hipótese das autoras, as frisadas (cenas congeladas em preto e branco que serviam de gancho para o desenrolar da ação em outros capítulos) marcam um jogo de suspensão (e suspeição) que se dá entre os sujeitos da enunciação.

Passamos, então, à literatura (se é que a telenovela já não nos introduz à sensibilidade literária de massa – e não por isso menos literária), mais propriamente ao cânone literário em abordagem verbal e não verbal. Em “Fragmentação e memória”, Mariana Luz Pessoa de Barros estuda a fragmentação na construção de *Infância*, de Graciliano Ramos, como um recurso (meta)enunciativo de construção da memória. Ainda no terreno movediço da memória, no qual a ficção encontra sempre bom argumento, temos “As estratégias discursivas em ‘A moralista’, de Dinah Silveira de Queirós”, em que Suely Leite analisa o modo como a identidade feminina é elaborada e criticada pela narradora-personagem. Nesse conto analisado por Leite, é a memória discursiva, como estrato residual de uma época e de uma sociedade, que potencializa a agudeza da criação literária.

No artigo “Metáfora animal e especismo: retórica do poder no contexto pós-moderno”, Liège Copstein e Denise Almeida Silva promovem a crítica do especismo, isto é, da conduta que consiste em distinguir as espécies de modo hierárquico,

conferindo a primazia à espécie humana. Para tanto, Copstein e Silva vão inventariar as “metáforas animais” carregadas de preconceito e também buscar na literatura os animais que nos humanizam, como modo de advogar por uma sociedade e por um sistema literário que não depreciem os animais, por elas definidos como “segmento minoritário da sociedade contemporânea”.

Em “*Apocalypse Now e o Coração das Trevas: o embate entre indivíduo e sociedade*”, de Lucas Calil Guimarães Silva e Renata Ciampone Mancini, objeto fílmico e objeto literário dialogam pelo viés da adaptação do livro em filme, que se mantém “fiel”, segundo os autores, malgrado a infidelidade figurativa de distintas ancoragens discursivas, por meio da eleição de isotopias temáticas comuns (loucura, desespero, incompreensão, solidão, entre outras) que problematizam a relação entre os valores individuais e os coletivos. Curioso é observar como os autores valem-se da semiótica discursiva para estabelecer, implicitamente, uma “ética da adaptação” assentada na temática, que se não é propriamente normativa e extensiva a toda sorte de adaptações, explicita perfeitamente o funcionamento da adaptação do livro de Joseph Conrad por Francis Ford Coppola.

No âmbito da comunicação social, mais especificamente no do jornalismo e no da divulgação científica, encontramos os trabalhos “A extensão do acontecimento midiático: uma leitura semiótica pelos conceitos de fidúcia e concessão”, de Conrado Moreira Mendes, e “O fazer tradutório em *abstracts* de periódicos científicos: contribuições da semiótica francesa”, de Bruno Sampaio Garrido. No primeiro, Mendes analisa a cobertura realizada pelo *Jornal Nacional* do assassinato da menina Isabella Nardoni, em 2008, demonstrando o modo como a temporalização atua na construção da notícia, tradu-

zindo tensivamente o impossível do acontecimento em uma duração que é administrada com vistas à adesão e à fidelização. No segundo artigo, Garrido estuda *abstracts* de periódicos científicos da área de psicologia para compreender a natureza do gesto tradutório que, segundo o autor, oscila entre conservadorismo (literalidade) e inovação (modulação ou adaptação). Ambos os trabalhos procuram demonstrar semioticamente como a objetividade perseguida no jornalismo e na divulgação científica é construída por escolhas que podem ser explicitadas e que demonstram a ação de uma subjetividade própria a um veículo de comunicação ou a uma área do conhecimento ou especialista.

Fora dos domínios estritos da literatura e da comunicação social, o artigo “Identidade no discurso quilombola: operações semióticas de triagem e mistura”, de Ilca Lopes Vilela, estuda um objeto de grande relevância social e cultural: as bonecas pretas do Quilombo Conceição das Crioulas, localizado no município de Salgueiro (PE). Por meio da análise de aspectos verbais e não verbais (objetais e práticos, essencialmente) do *cópus*, Vilela mostra-nos como se operam a triagem e a mistura de valores na concepção e na apresentação das bonecas pretas, que estabilizam a identidade e os estereótipos de uma cultura.

Para fechar este número que reúne reflexões instigantes, temos “Por uma semiótica do vivido: entrevista com o sociosemiotista Eric Landowski”, de Luiza Helena Oliveira da Silva, que se debruça sobre a formação e os desdobramentos de um pensamento cuja irreverência e originalidade são incontestes e que se traduzem na influência de Eric Landowski sobre a semiótica contemporânea. Nessa entrevista conduzida por Silva com pertinência histórica e epistemológica, o sociosemiotista francês, pioneiro em reclamar a semioti-

zação do “contexto” e a primazia do vivido na interação do sujeito com o mundo e com o outro – o contágio, o gosto, a união, a interação e o acidente testemunham a figuratividade singular do seu imaginário teórico –, produz um depoimento de grande valor historiográfico, no qual sua visão sobre a teoria (sua semiótica extrovertida) e seu “estilo de vida” con-substanciam-se em uma só aventura de conhecer e viver.

Jean Cristtus Portela

Araraquara, julho de 2014.